



Newsletter Caravelas

CONGRESSO INTERNACIONAL “A LÍNGUA PORTUGUESA EM MÚSICA: DIÁLOGOS”

O Caravelas realizará o *II Congresso Internacional “A Língua Portuguesa em Música: Diálogos”* entre 04 e 06 de abril de 2018. O evento terá lugar no Rio de Janeiro, no auditório da Academia Brasileira de Música, estando sob os cuidados do Polo Caravelas Brasil que está sediado no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e faz parte das atividades de comemoração dos 170 da

Escola de Música. O congresso vai mais uma vez abrigar o Grupo de Trabalho “Português Brasileiro Cantado”, e terá a honra de acolher também o Grupo de Trabalho “Acervos da Canção Brasileira de Câmara”. A programação completa do evento de demais informações estão disponíveis em:

http://caravelas.com.pt/II_Congresso_A_Lingua_Portuguesa_em_Musica.html



Informativo Trimestral

Caravelas – Núcleo de Estudos da História da Música Luso-Brasileira

CESEM-FCSH-UNL

Lisboa-Portugal

Editor: Alberto Pacheco

NOVOS MEMBROS

O Núcleo Caravelas tem o prazer de dar as boas vindas a oito novos membros:

Alejandro Reyes Lucero – FCSH-UNL

Ângela Portela – doutoranda da FCSH-UNL

Flávia Cruvinel – professora da Universidade Federal de Goiás

Javier Marin Lopez – professor da Universidade de Jaen

Helena Romão – doutoranda da FCSH-UNL

Inês Thomas Almeida – doutoranda da FCSH-UNL

Leonardo Vieira Feichas – professor da Universidade Federal do Acre, doutorando da FCSH-UNL

Rodrigo Hoffmann – professor do CEP - Escola de Música de Brasília, doutorando da FCSH-UNL

PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS

Nosso colega Giorgio Monari esteve em Cuba para participar do *X Colóquio Internacional de Musicologia de Casa de las Américas*, apresentando algumas reflexões sobre a *Viagem ao Brasil* do francês Jean de Lery. Informações completas em :
<http://www.casa.co.cu/premios/musicologia/premio2018/programa.php?pagina=coloquioX>

De 16 a 18 de novembro de 2017, teve lugar em Marechal Deodoro (AL) a *VIII Jornada Pedagógica para músicos de banda/II Congresso de Musicologia da ABMUS*, organizados por Marcos Moreira (UFAL). Participaram 5 membros do Caravelas. Mais informações em:
<https://www.jpmbufal.com/>



Participantes em Marechal Deodoro (esquerda para direita): Alexandre Andrade, Diósnio Machado Neto, David Cranmer, André Guerra Cotta, Mary Ângela Biason

CONGRESSOS

O V Simpósio Internacional de Música Ibero-Americana será realizado entre 21 a 25 de maio de 2018 na Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, Brasil. O evento é realizado pela Universidade do Estado do Amazonas e pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Artes com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (FAPEAM). Nosso colega Márcio Páscoa é



Presidente da Comissão Organizadora do evento que conta com a colaboração de vários membros do Caravelas. Propostas de comunicação serão aceitas até o dia 18 de março. Mais informações em:

<https://sites.google.com/uea.edu.br/vsimiba>

O XXVIII Congresso da Anppom, 30 anos de ANPPOM: um olhar para o futuro será realizado em Manaus, entre os dias 27 a 31 de agosto de 2018. O prazo para envio de propostas de trabalhos é dia 2 de maio. Informações completas em: <http://anppom.com.br/download/chamada-de-trabalho-xxviii-congresso-da-anppom/>

O V Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música e o XXIV Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO terá lugar no Rio de Janeiro 15 a 18 de maio de 2018, no Rio de Janeiro. O Comitê Científico do evento é presidido por nossa colega Martha Ulhoa. Propostas de trabalho serão recebidos até 14 de janeiro próximo. Mais informações em: <http://www.unirio.br/simpom>

GRAVAÇÃO

A gravação do *Ofício a 8 vozes e Missa de Requiem* (1809), de José Maurício Nunes Garcia, realizada por nosso colega Carlos Alberto Figueiredo, com o coro da OSESP, pelo Selo

Digital OSESP, está gratuitamente em:

<http://www.osesp.art.br/paginadinamica.aspx?pagina=selodigitaljosemauricio250>

Mônica Vermes é musicóloga e professora associada na Universidade Federal do Espírito Santo, onde lidera o NELM - Núcleo de Estudos Literários e Musicológicos e participa das atividades do Departamento de Teoria da Arte e Música e dos Programas de Pós-Graduação em Letras e em Comunicação e Territorialidades. É pesquisadora do Labelle - Laboratório de Estudos de Literatura e Cultura da Belle Époque (UERJ), do NOMOS - Núcleo de Musicologia Social do Instituto de Artes da Unesp (IA-Unesp), do grupo de pesquisa Estudos de Gênero, Corpo e Música (UFRGS) e do Grupo de Pesquisa História e Música (UNESP). Foi bolsista da Biblioteca Nacional (2016-2017)



Mônica Vermes

com o projeto *Circuitos Musicais no Rio de Janeiro: teatros (1906-1920)*. Sua área de interesse é a música na *Belle Époque* carioca em suas múltiplas

relações com a cidade. Participa regularmente de congressos e outros encontros acadêmicos no Brasil e no exterior

Newsletter Caravelas: Qual sua formação musical e como se deu seu interesse pela musicologia?

Mônica Vermes: Minha educação musical formal começou na infância. Tive as primeiras lições de piano com minha mãe e aos nove anos entrei no conservatório. Era uma intensa frequentadora de concertos e recitais – que eram abundantíssimos na São Paulo das décadas de 1970 e 1980 – e numa dessas ocasiões assisti a um dos concertos de Saint-Saëns – acho que o 2º – com o pianista Amaral Vieira. Fiquei muito impressionada e, seguindo o rito dos domingos no Teatro Municipal de S. Paulo, fui pedir um autógrafo no camarim e aproveitei

para perguntar se ele aceitava alunos. Comecei a ter aulas com Amaral em 1982, num processo que envolveu, além das questões mais especificamente pianísticas, muita conversa, muita leitura e a escuta de muita música. Não saía de lá sem alguns livros, discos ou vídeos emprestados. O repertório que trabalhávamos era amplo e sempre houve uma preocupação em explorar compositores e obras menos visitados. Foi nessas aulas que tive meu primeiro contato com a música dos compositores brasileiros da virada do século XIX para o século XX.

Paralelamente ao estudo do piano, ingressei na universidade em 1983. Cursei Composição e Regência no Instituto de Artes da Unesp, mais interessada em procurar uma formação musical ampla e sólida do que propriamente em me dedicar à composição ou à regência. Depois fiz o Mestrado no mesmo IA-Unesp, sob orientação de Regis Duprat, concluindo com a dissertação *Alberto Nepomuceno e a criação de uma música brasileira: evidências em sua música para piano*. A realização dessa dissertação foi um profundo processo de aprendizagem e de tentativa de me situar no ponto de interseção entre essas duas experiências, a prática pianística e a pesquisa musicológica e foi nesse momento que decidi centrar meu exercício profissional na musicologia.

Fiz depois o doutorado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, sob orientação de Arthur Nistrovski. A tese foi publicada em 2008 pela Ateliê Editorial, *Crítica e criação: um estudo da Kreisleriana Op. 16 de Robert Schumann*. Esta etapa da minha formação foi um divisor de águas importante, pois na preparação da tese e nos diálogos possibilitados e estimulados em um programa que não era de música – apesar de contar com algumas figuras de referência do ambiente acadêmico-musical brasileiro – abri meu leque de leituras e reflexões para áreas que ainda não havia explorado (muito especialmente os estudos literários, a filosofia, outras abordagens da história, a semiótica e os estudos culturais). Esse novo repertório e essas novas ferramentas, mobilizadas ali para estudar Schumann, um compositor da maior importância para a minha formação musical, eu dirigi depois

para o estudo da música brasileira da *Belle Époque*. Dentro dessa perspectiva fiz dois estágios de pós-doutorado, um no Departamento de Música da ECA-USP, sob supervisão de Marcos Branda Lacerda, e outro no IA-Unesp, sob supervisão de Paulo Castagna.

Para além dessa trajetória formal, no entanto, considero fundamental no meu processo de formação a exposição precoce a música das mais variadas origens e estilos. Na casa de meus pais ouvia-se muita música e muita música diferente. Situo aí, na experiência com essa diversidade musical, o início de meu interesse pela Musicologia, na inquietação a respeito dessas diferenças e na curiosidade com as pessoas e contextos que estavam por trás delas.

N. C.: Suas pesquisas focam muito no período da Primeira República Brasileira. O que despertou seu interesse por esse período específico? Pode-se afirmar que nossa história da música sobre esse período necessita ser reescrita?

M. V.: Tenho preferido me referir a esse período como *Belle Époque*, ampliando a teia de conexões para além do aspecto político-administrativo, apesar de uma possível associação imediata à ideia de uma “época de ouro”, de bem-aventurança, que só é verdade muito parcialmente, em particular no caso brasileiro. O início de meu interesse pela *Belle Époque* carioca está ligado ao contato com a obra de Alberto Nepomuceno nas minhas aulas de piano. A partir daí o interesse foi se ampliando para outros aspectos da música, das práticas

musicais, da vida musical e da música na vida da sociedade carioca desse período. O período continuou o mesmo, mas o objeto e a abordagem foram se transformando. Uma das coisas que mais me fascina no trabalho com essa época é a possibilidade de atravessar fronteiras tradicionalmente consolidadas e colocar em diálogo dimensões tipicamente subestimadas da música nessa sociedade. Para que isso possa ser realizado, é necessário ampliar o leque das fontes, empregando materiais muitas vezes considerados menores ou até mesmo desprezíveis. Por exemplo, sabemos que o Rio de Janeiro de fins de século XIX tinha uma vitalidade musical enorme e multifacetada, com acontecimentos musicais se desenvolvendo em vários lugares da cidade (nas residências, nas ruas, nos teatros etc.). Há importantes estudos que se debruçaram sobre a música e a cultura nas ruas cariocas (destaco os trabalhos de José Ramos Tinhorão e Mônica Pimenta Velloso), sabemos que houve músicos, jornalistas e administradores que se engajaram num projeto de consolidação de práticas e repertórios musicais espelhados num ambiente musical mais elitizado europeu, e a historiografia mais tradicional da música brasileira tem-se centrado em relatar as atividades musicais desenvolvidas principalmente nos teatros. A crônica e a crítica musical jornalísticas nos ajudam a superpor essas várias dimensões, o que nos propicia um entendimento mais profundo desses fenômenos. É o caso, por exemplo, da estreia do violinista italiano Enrico La Rosa no Rio de Janeiro em 1890 com o apoio de pesos-pesados da música carioca, capitaneados pelo crítico musical Oscar

Guanabarrino. Na crônica do recital realizado no dia 11 de setembro, Guanabarrino queixa-se: “Ainda anteontem nova tentativa foi feita no intuito de atrair concorrência ao Polytheama; mas o teatro estava vazio, enquanto em derredor de cada roleta os jogadores se agrupavam em escandalosa infração da lei e da moralidade. / Mas ainda assim, os poucos espectadores não puderam ouvir o violinista na primeira parte do programa; porque um enfadonho realejo, postado no jardim, onde a entrada era gratuita, moía a sua famosa música enquanto La Rosa vibrava o seu violino. / Reclamações violentas apareceram, mas o espetáculo não estava policiado, a festa pública não era presidida por uma autoridade policial, quando em outros teatros, onde não há arte, mas pândegas, os camarotes da polícia regurgitam de autoridades.” (*O Paiz*, 13 set. 1890). Nessa breve passagem temos a oportunidade de observar esses mundos em choque e as várias dimensões que estão mobilizadas em um evento musical.

Entendo que a história da música brasileira dessa e de outras épocas precise de uma dupla operação (que já vem sendo realizada por vários pesquisadores). A primeira, de ampliação de abrangência, incorporando – para além dos repertórios e dos agentes musicais mais evidentes, compositores e músicos – as práticas musicais, os diversos âmbitos da vida musical, os vários agentes ligados a fazer música e a pensar a música. A segunda é a consolidação do entendimento dessa riqueza e complexidade, que possibilita (e se beneficia) a realização de

várias investigações sobre um mesmo objeto ou fenômeno de perspectivas diferentes, ajudando a eliminar de vez uma certa cultura de “propriedade” das obras, compositores, lugares etc. Mais que reescrever a história da música desse período (ou de qualquer outro), o que poderia ser entendido como uma substituição de uma narrativa por outra com a mesma pretensão a verdade única, me parece importante estimular a multiplicação de narrativas que nos proporcione uma visão mais rica, mais estimulante.

N. C.: Outro tema muito relevante para você é a participação das mulheres na vida musical, particularmente no período já referido. Mesmos que trabalhos mais recentes tenham identificado mais de uma centena de mulheres musicistas, nas tuas pesquisas diagnosticaste essas ausências na literatura oficial da nossa história da música. A que atribue essa quase ausência de referência? O que é preciso fazer para que esse status seja mudado?

M. V.: Esta questão está muito diretamente ligada aos pontos discutidos na questão anterior, serve até mesmo como bom exemplo de alguns dos argumentos apresentados ali. A historiografia musical brasileira tradicional é um conjunto de obras (falo aqui de cerca de dez volumes produzidos ao longo do século XX) que, apesar de suas diferenças individuais, estão embasadas em uma série de valores tão fortemente cristalizados em nossa cultura que se tornam invisíveis, podendo ser confundidos com algo “natural”. Dentro dessa ordem não havia espaço para a formação musical de alto nível e para o exercício profissional da música para as mulheres. A

literatura reflete essa situação, documentando aquilo que é seu objeto de interesse, a produção musical artística e/ou profissional, na qual a grande maioria dos praticantes eram homens. A mudança disso se dá em três direções. Por um lado, há o trabalho de identificação e divulgação do trabalho das mulheres que, apesar de todas as limitações impostas pela sociedade, conseguiram realizar estudos musicais e a ter uma produção musical. Por outro lado, existe a necessidade de um entendimento da complexa teia das atividades musicais na sociedade carioca da época, o que tem revelado uma maciça presença feminina em atividades tradicionalmente desprezadas. Isso exige que repensemos os vários repertórios, as várias práticas, suas funções e significados, dentro de uma sociedade e que redimensionemos aspectos que vêm sendo desconsiderados e que, em muitos casos, se constituem no próprio tecido que sustenta a vida musical. A terceira direção diz respeito ao entendimento de quais são as forças que têm criado tão grandes disparidades. Cabe refletir sobre elas e agir sobre elas, seja no sentido das práticas musicais, seja no sentido da geração de narrativas.

N. C.: Quais seus projetos futuros em musicologia?

M. V.: Há dois projetos que me são muito caros e que estarão no centro das minhas atividades nos próximos anos. Um deles é a colaboração com a Music Criticism Network, uma rede internacional de pesquisadores dedicados aos

estudos da crítica musical (<<http://www.music-criticism.com/>>). Este ano vamos trazer para o Brasil o congresso que vem sendo realizado anualmente na Europa (Lucca, 2015; Barcelona, 2016 e 2017). Ele ocorrerá no mês de setembro no Instituto de Artes da Unesp. O outro é o projeto de pesquisa *Circuitos musicais e conflitos culturais no Rio de Janeiro da Belle Époque (1890-1920)*, contemplado

no último Edital de bolsas de Produtividade em Pesquisa do CNPq, e no qual vou me dedicar ao estudo, principalmente, das polêmicas musicais publicadas nos jornais cariocas. Além disso, tenho me dedicado à intensificação dos diálogos acadêmicos interinstitucionais, tanto no âmbito nacional quanto internacionalmente.

CURSO

O XXVIII Cursos Internacionais de Música da Casa de Mateus será realizado no Palácio de Mateus, Vila Real, entre 13 e 18 de agosto deste ano. A Casa de Mateus retoma os Cursos Internacionais de Música que estão desde 1978 entre os mais prestigiados festivais de música barroca da Europa. Os cursos, concertos e conferências acontecem num dos mais belos palácios do século XVIII em Portugal. O

evento conta agora com a direção artística de nosso colega Ricardo Bernardes. Esta edição reúne grandes nomes entre renomados professores das edições anteriores assim como ex-alunos, hoje com brilhantes carreiras internacionais. Informações completas em:

<http://casademateus.com/cursos-internacionais-musica-da-casa-mateus/>

CHAMADA DE ARTIGOS

A revista *Debates*: cadernos do programa de pós-graduação em música da UNIRIO recebe propostas de artigos para seu vigésimo volume até o dia 30 de março deste ano. Informações completas em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/revistadebate/index>

A revista *Claves*: periódico dos PPGM da UFPB, UFPE e UFRN recebe propostas de trabalhos para seu décimo primeiro número até o dia 18 de março próximo. Os artigos devem ser submetidos através da plataforma: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/claves/about/>

Nosso *Dicionário Biográfico Caravelas* ganhou seis novos verbetes:

André da Silva Gomes (Adriano Nogueira & David Cranmer)

Frei Francisco de São Boaventura (Rodrigo Teodoro de Paula)

Girolamo Sertori (Rodrigo Teodoro de Paula)

José dos Santos Maurício (Rodrigo Teodoro de Paula)

Maria Peregrina (Rodrigo Teodoro de Paula)

Maria Roberta (Rodrigo Teodoro de Paula)

Todas as entradas já publicadas podem ser consultadas em:

http://www.caravelas.com.pt/dicionario_biografico_caravelas.html

Vale lembrar que o *Dicionário Biográfico Caravelas* recebe propostas de verbetes em fluxo contínuo. A publicação está condicionada a uma avaliação por pares, o que garante seu valor acadêmico.

BANCO DE DADOS

Banco de dados primários: Música em periódicos oitocentistas – um convite para pesquisadores que utilizam periódicos em suas pesquisas sobre música no século XIX.

Pesquisadores sobre música urbana nos oitocentos que trabalham com periódicos, coletam uma quantidade muito grande de notícias, anúncios e comentários que utilizam de forma sintética nos seus artigos ou livros com os resultados de pesquisa. Aquilo que é recolhido aparece na forma de uma ou outra transcrição destacada, ou, ainda, na forma de quadros descritivos ou estatísticos; a grande maioria dos trechos coletados fica arquivado localmente nos computadores pessoais dos pesquisadores ou, eventualmente aparece nos anexos às teses e dissertações produzidas. A possibilidade de alimentar um banco de dados de forma remota via internet, com consultas abertas ao público

em geral, possibilita a formação de uma rede de pesquisa, onde dados primários sobre música no século XIX possam ser compartilhados de forma gratuita e investigadores em qualquer parte do mundo possam ter acesso a esses dados, a fim de reutilizá-los em suas pesquisas.

Música em periódicos oitocentistas (<http://www4.unirio.br/mpb/bib/>) é um banco de dados online contendo notícias e comentários sobre música em periódicos do século XIX. Iniciado em 2002, tem servido de suporte para pesquisas sobre gêneros musicais tais como a modinha, o lundu e a valsa, bem como sobre músicos, a imprensa musical, o teatro musical e a ópera nos 1800s. Até o momento o banco tem abrigado transcrições coletadas em periódicos do século XIX disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira (HDB) da Fundação Biblioteca Nacional (aberta

para consulta a partir de julho de 2012). É chegado o momento de adequar o banco aos critérios e padrões de compartilhamento de dados em rede - a chamada e-Science ou ciência aberta. Nesse sentido, pesquisadores sobre música do século XIX, que estejam utilizando periódicos como fonte de pesquisa, são convidados a compartilhar as informações primárias coletadas no banco de dados Música em periódicos oitocentistas. Para isso, o banco está sendo atualizado para incluir um campo de

identificação do(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa ou coleta de dados. Na página inicial do banco, onde hoje somente aparecem informações coletadas por ou sob a responsabilidade de Martha Ulhôa, irão estar inscritos os nomes daqueles que forem aderindo ao projeto de desenvolvimento. Pesquisadores interessados em participar dessa rede favor entrar em contato com Martha Ulhôa no e-mail: mulhoa@unirio.br

Martha Tupinambá de Ulhôa

SIMPÓSIO INFORMAL CARAVELAS

Em 24 de novembro, realizou-se o Simpósio anual informal Caravelas 2017, na FCSH- Universidade Nova de Lisboa, na presença de 14 membros e candidatos a membro. David Cranmer apresentou as atividades recentes, correntes e previstas para o futuro. Referiu os 10 anos do Caravelas em 2018, incluindo o **Congresso 10 Anos** marcado para 27 a 29 de setembro, em Lisboa. Houve ampla discussão sobre a importância do projeto “Sanfona”, sobre a terminologia dos instrumentos musicais. À luz da posição consolidada da

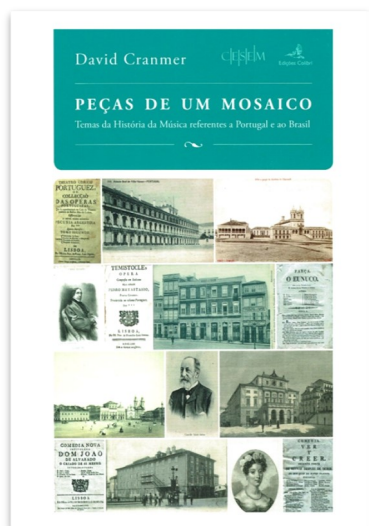
musicologia luso-brasileira, discutiu-se a ideia de o Núcleo Caravelas iniciar mais abertamente contactos com o mundo hispano-americano e com os países lusófonos africanos, proposta que foi bem acolhida. Houve 3 breves apresentações: de Cristina Cota sobre a atividade musical nos barcos na travessia atlântica, Alejandro Reyes Lucero sobre a atividade da pianista venezuelana Teresa Carreño em Portugal e David Cranmer sobre as primeiras representações de *Carmen*, de Bizet, em Portugal e no Brasil

David Cranmer

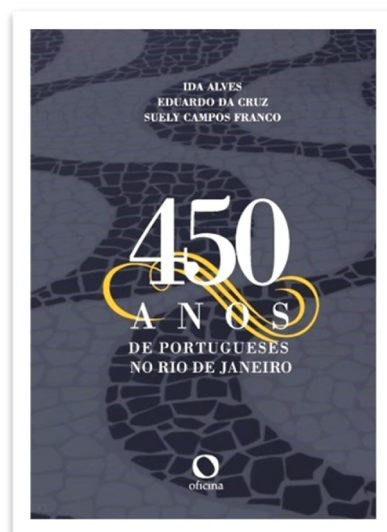
CONCURSO

A III Edição do Prêmio de Estudos Musicológicos Euro-Latino-Americanos Príncipe Francesco Maria Ruspoli, 2018, já anuncia sua chamada por candidaturas. O diretor científico do concurso é nosso colega Giogiro Monari. Poderão se candidatar para este Prêmio estudantes ou pesquisadores

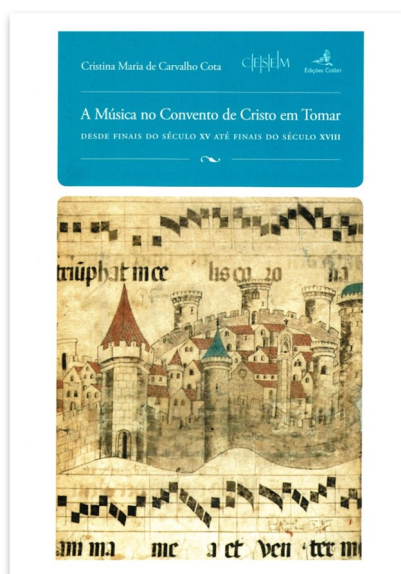
recém formados ou no começo da carreira acadêmica, que sejam cidadãos da América Latina e Caribe. As pesquisas terão como tema as relações musicais entre Europa e América Latina até o início do século XIX. Candidaturas serão aceitas até dia 1º de junho próximo. Mais informações em: www.associacaoruspoli.com.br



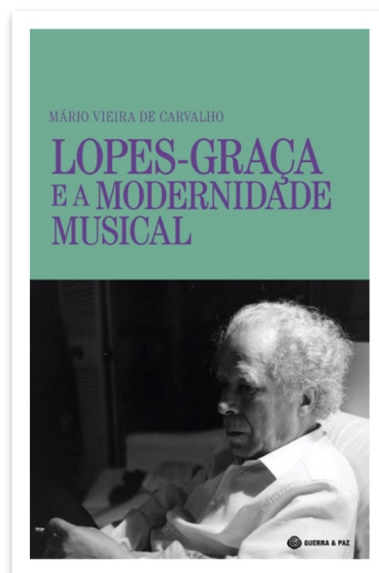
Peças de um mosaico: temas da história da música referentes a Portugal e ao Brasil, David Cranmer. Lisboa: Edições Colibri/CESEM, 2017.



450 anos da presença portuguesa no Rio de Janeiro, Ida Alves, Eduardo da Cruz, Suely Campos Franco (org.). Rio de Janeiro: Oficina, 2017.



A música no Convento de Cristo em Tomar desde finais do século XV até finais do século XVIII; Cristina Maria de Carvalho Cota. Lisboa: Edições Colibri/CESEM, 2017.



Lopes-Graça e a modernidade musical, Mário Vieira de Carvalho. Lisboa: Guerra e Paz, 2017.



Organização

CARAVELAS

CESEM
Centro de Estudos de Estética e
Sociologia Musical
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

Av. de Berna, 26-C
1069-061 Lisboa
Portugal

Investigador Responsável: David Cranmer

Site: Alberto Pacheco

Comissão Científica: Alberto Pacheco

Ana Guiomar Rêgo Souza

Cristina Fernandes

Francesco Esposito

Márcio Páscoa

Marcos Holler

Edite Rocha (suplente)

caravelas.com.pt

Aproveitamos a oportunidade para, mais uma vez, agradecer aos autores que têm contribuído para essa *Newsletter*, enviando as informações a serem divulgadas. Um agradecimento especial deve ser dado a Mônica Vermes que nos concedeu a entrevista deste trimestre.

Convidamos toda comunidade musicológica a contribuir com este periódico através de notícias, fotos, resenhas, convites, críticas etc.

Os exemplares anteriores desta publicação podem ser consultados em:

<http://www.caravelas.com.pt/newsletter.html>

CENTRO DE ESTUDOS DE
SOCIOLOGIA E ESTÉTICA
MUSICAL

CESEM

FCSH

FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA



FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
AGÊNCIA NACIONAL DE INOVAÇÃO E CRIAÇÃO CIENTÍFICA